

TRECHOS AGRESTES
Textimagens dos pequenos sertões

Lucílio Barbosa
2008

Aos Joãos
Às Rosas
Aos Cabrais
que descobriram nossa língua.

“A estranheza dessa verdade
deu para estarrecer de todo a gente.
Aquilo que não havia, acontecia.”
(João Guimarães Rosa)

ESPERANÇANDO

Pressa não.
Pressa de boi é carreira
levando espinho de travessão.

Pressa de quem faz tudo
faz vento no coração.
Faz nada, moço.

Pressa num tenho não.
Pra quê esse alevante de alma
se a morte é reencarnação

Sertão donde eu vim
fé e pão é unguento,
é destino, é tormento

E mais, muito mais;
É a espera pelo momento
do grão virando alimento.

Num carece de pressa.
Se vem, num sei.
Se vai, Deus é Rei.

Revolta das justas
num carece de consideração.
Revolta não.

SEM TÍTULO

A casa de quase barro
se confunde com
o quase nada de barro
da paisagem

E eu passo
passo a passo

MENINOS

O couro gasto toca a mão;
o bodoque num momento suspenso;
o vôo da pedra.

A queda do que há um instante era.
A morte pode ser bela.

Os chinelos voltam a castigar o chão de terra.

A QUASE CHUVA

O marron crestado
e o céu.

O azul lavado
do céu.

O branco sugerido
no céu.

E a quase concretização
da gota.

E a quase fagocitação
da sede.

MOVIMENTO ENTRE ARBUSTOS

Verde camuflado,
herança pré-histórica,
sobrevivente de um tempo
que o sertão já era desespero e força,
corre entre marmeleiros.
A película recobre os olhos
que miram a estrada seca.
Poeira cobre as escamas.

O bicho-verde cavalga o galho,
o bicho-lagarto congela o tempo,
o bicho-tempo congela o Sol,
enquanto o Sol castiga a todos
e cresta o barro.

PERDIÇÃO

O negro sobre corcovas saudou:
- As-salam-'alaik.

O vento na duna mudou.
Abriu em leque.

A água do oásis nunca lhe pareceu tão leve.

ULURÍ

Cobre o ulurí
a vulva
da índia.

Rio tupi
na curva
da oca.

Toca a vulva,
que ri,
o índio
da curva
da tribo
que não mais ri.

Toca do índio
a vulva
que, risco,
cobre o ulurí.

E o “i” espeta
centonomatopéias
na língua
que eu não
falo.

RIOS SÓS

Rios secos, inexistentes
são caminhos de cabra
lugares de não-vida
não-futuro, não-sede
não-água

Tudo que não há
no sertão
tem o peso de tudo
tem o peso de uma existência
é o vazio que vale mais
que o cheio

É a cheia que no vale
não vale nada
é a árvore que na caatinga
não vale um arranhão

A vida existe na negação
na esperança de não existir
a dor que há
na esperança de existir
a cor que não há.